



COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA.

ISSN: 2236-8000

v. 20, n. 1, p. 56-74, jan.-jun. 2025

DOI: <https://doi.org/10.5016/bepq7v16>

Contos de Fadas e Comunicação Midiática: a função simbólica e pedagógica dos arquétipos nas narrativas seriais contemporâneas

Cuentos de Hadas y Comunicación Mediática: El Papel Simbólico y Pedagógico de los Arquetipos en las Narrativas Seriales Contemporáneas

Fairy Tales and Media Communication: The Symbolic and Pedagogical Function of Archetypes in Contemporary Serial Narratives

Talita Maria Botelho Mantovani Parreira

Mestranda em Mídia e Tecnologia
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp).
E-mail: talita.maria@unesp.br

Karina Woehl de Farias

Doutora em Jornalismo
Docente do Departamento de Jornalismo e do Programa
de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp).
E-mail: karina.farias@unesp.br

Enviado em: 22 de junho. 2025

Aceito em: 22 de agosto. 2025

RESUMO

O artigo reflete sobre os Contos de Fadas no contexto da comunicação midiática contemporânea, observando produções seriadas como *Once Upon a Time* e cinematográficas como *Malévola* e *Descendentes*. O estudo utiliza uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva. Como procedimentos metodológicos, realizou-se pesquisa bibliográfica em autores como Jung (2000), Campbell (2007), Vogler (2015), Jenkins (2009) e Santaella (2001), complementada por uma análise das narrativas buscando investigar de que forma os contos, enquanto matrizes narrativas e simbólicas, operam como ferramenta de formação subjetiva, emocional e ética. Os resultados demonstram que, ao serem adaptadas e expandidas em formatos seriados, essas histórias continuam a ter seu impacto simbólico e pedagógico, e se modernizam em consonância com as demandas por representações mais complexas, ambíguas e participativas.

Palavras-chave: *Contos de fadas; Comunicação midiática; Arquétipos; Narrativa seriada; Convergência.*

RESUMEN

Este artículo reflexiona sobre los Cuentos de Hadas en el contexto de la comunicación mediática, observando producciones seriadas como *Once Upon a Time* y cinematográficas como *Malévola* y *Descendentes*. El estudio utiliza un enfoque cualitativo, de naturaleza exploratoria y descriptiva. Como procedimientos metodológicos, se realizó una investigación bibliográfica de autores como Jung (2000), Campbell (2007), Vogler (2015), Jenkins (2009) y Santaella (2001), complementada con un análisis de las narrativas. Se buscó investigar cómo los cuentos, como matrices narrativas y simbólicas, operan como herramienta de formación subjetiva, emocional y ética. Los resultados demuestran que, al ser adaptadas y expandidas en formatos seriados, estas historias continúan teniendo su impacto simbólico y pedagógico, modernizándose en consonancia con las demandas de representaciones más complejas, ambiguas y participativas.

Palabras-clave: *Cuentos de hadas; Comunicación mediática; Arquetipos; Narrativa seriada; Convergencia.*

ABSTRACT

This article reflects on Fairy Tales within the context of contemporary media communication, observing serialized productions like *Once Upon a Time* and films such as *Maleficent* and *Descendants*. The study employs a qualitative approach, exploratory and descriptive in nature. For methodological procedures, a bibliographical review was conducted, drawing on authors like Jung (2000), Campbell (2007), Vogler (2015), Jenkins (2009), and Santaella (2001), complemented by an analysis of the narratives. The aim was to investigate how these tales, as narrative and symbolic matrices, function as tools for subjective, emotional, and ethical development. The results demonstrate that, when adapted and expanded into serialized formats, these stories continue to exert their symbolic and pedagogical impact, modernizing in line with demands for more complex, ambiguous, and participatory representations.

Keywords: *Fairy tales; Media communication; Archetypes; Serial narrative; Convergence.*

Introdução

Os contos de fadas tiveram sua origem na tradição oral, tornaram-se gênero literário e, posteriormente, foram adaptados para as mídias audiovisuais. Mas, desde sua origem, permanecem como estruturas narrativas focadas na transmissão de valores simbólicos e pedagógicos. Na contemporaneidade, marcada pela comunicação midiática, tais narrativas são reconfiguradas em forma de séries televisivas, produções cinematográficas e para plataformas *streamming*, mantendo seu valor arquetípico e oferecendo ao público uma experiência estética e formativa. A série *Once Upon a Time* (2011 - 2017), produzida pelos estúdios ABC da Disney, exemplifica essa tendência ao reunir diversos personagens clássicos dos contos em um universo narrativo no qual temas como redenção, identidade e transformação são revistos sob novas perspectivas.

Sendo assim, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre os contos de fadas como matriz narrativa e seu reaproveitamento simbólico na comunicação midiática seriada, enfatizando seu papel pedagógico e os arquétipos subjacentes transmitidos ao público. O estudo parte do referencial teórico de autores como Carl Gustav Jung (2000), Joseph Campbell (2007), Christopher Vogler (2015), Henry Jenkins (2009) e Lucia Santaella (2001), entre outros, com o objetivo de demonstrar que, mesmo ao serem transpostos para o ambiente midiático audiovisual, os contos de fadas continuam a se constituir como recursos simbólicos de formação subjetiva e mediação da identidade. Não se tratam de meras releituras de entretenimento, mas de meios de significação que ressoam no imaginário das multidões, contribuindo para a (re) construção do ‘sujeito’ da contemporaneidade. O trabalho adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva. Como procedimentos metodológicos, realizou-se revisão bibliográfica e análise interpretativa de adaptações audiovisuais Disney como a série *Once Upon a Time*, a adaptação cinematográfica *Malévola* e *Descendentes*. A escolha de tais adaptações se justifica pela reconfiguração contemporânea dos contos de fadas clássicos. O artigo é parte da dissertação de mestrado, em construção, de uma das autoras.

Contos de fadas como matriz narrativa

Santaella (2001) classifica as bases comunicativas em três matrizes: a sonora, associada à efemeridade do som e ao ritmo temporal; a visual, vinculada à forma e à

materialidade percebida; e a verbal, relacionada à inscrição e à capacidade de transportar o pensamento para outras fronteiras da realidade. Essas matrizes não são estagnadas; pelo contrário, interagem constantemente, como enfatiza a autora ao afirmar que “as linguagens se irmanam, conjugam-se em um só verbo: o milagre do humano, ser de linguagem, para a linguagem” (Santaella, 2001, p. 369).

Os contos de fadas, desde sua origem na oralidade até as adaptações contemporâneas no audiovisual, refletem uma profunda relação com as matrizes da linguagem e do pensamento pois, como destaca Santaella (2001), toda linguagem – seja verbal, visual ou sonora – está alicerçada em princípios que moldam não apenas a comunicação, mas também o pensamento humano. Em suas origens, eles eram histórias partilhadas de forma oral por comunidades como forma de preservação da memória coletiva, ensinamento de valores e elaboração simbólica de dilemas humanos universais (Merege, 2010). Com o tempo, passaram a ser registrados por autores como Charles Perrault e os Irmãos Grimm, que os transformaram em literatura clássica infantil. Ainda assim, sua estrutura simbólica permaneceu voltada para a dramatização de conflitos existenciais e a apresentação de modelos de vida através de personagens arquétipos, como heróis e vilões.

O poder dessas narrativas reside na sua capacidade de sintetizar, em narrativas breves e simbólicas, temas como medo, coragem, perda e transformação. Conforme Hueck (2016), mesmo quando suavizados ou adaptados, os contos de fadas continuam a evocar questões profundas da condição humana. Eles oferecem ao leitor e ao espectador uma linguagem do inconsciente, na qual experiências como dor, angústia e esperança são figuradas por meio de metáforas acessíveis e emocionalmente ressonantes.

Do ponto de vista estrutural, tais histórias seguem padrões recorrentes, conforme demonstrado por Vladimir Propp (2001) em sua morfologia do conto maravilhoso, e por Joseph Campbell (2007), com sua proposta da Jornada do Herói. Ambos revelam a universalidade das etapas narrativas que configuram os percursos de transformação do sujeito, como o chamado à aventura, provas, aliados, inimigos e a conquista de uma recompensa. Essas estruturas não apenas organizam a ação narrativa, mas também funcionam como mapas simbólicos de crescimento interior.

A adaptação dos contos de fadas para o audiovisual, especialmente para as séries televisivas, intensifica sua função simbólica. Como explica Hutcheon (2013), a adaptação não é uma simples tradução, mas uma recriação que reorganiza os elementos originais em novos formatos e linguagens, preservando o núcleo simbólico da narrativa. No caso das séries, essa

transposição permite a complexificação dos personagens e a ampliação dos arcos narrativos, possibilitando ao espectador uma imersão prolongada nos conflitos simbólicos e nos processos de transformação que atravessam os protagonistas.

Arquétipos e a função simbólica nas adaptações midiáticas

A força dos contos de fadas como dispositivos simbólicos está diretamente ligada à presença de arquétipos, que operam como formas narrativas universais e atemporais. Segundo Carl Gustav Jung (2000), os arquétipos são padrões psíquicos do inconsciente coletivo, expressos em mitos, sonhos e narrativas tradicionais. Eles representam imagens substanciais da experiência humana e são acessados simbolicamente por meio de personagens-tipo como o herói, o mentor e a sombra.

Nos contos de fadas, esses arquétipos aparecem de forma simbólica, atuando como mediadores entre o sujeito e dilemas existenciais. O herói, por exemplo, é aquele que realiza a travessia simbólica do amadurecimento, enfrentando perigos, vencendo obstáculos e retornando transformado. Vogler (2015), ao adaptar a Jornada do Herói de Campbell (2007) para os roteiros cinematográficos, reforça que essa estrutura reflete não apenas a progressão da trama, mas um percurso interior de transformação psicológica, onde cada arquétipo representa uma dimensão do próprio protagonista, afirmando que “essas histórias, verdadeiros mapas da psique, são modelos precisos das engrenagens da mente humana, psicologicamente válidos e emocionalmente realistas, mesmo quando retratam eventos fantásticos, impossíveis ou irreais” (Vloger, 2015, p. 45). Dessa forma, os contos de fadas ultrapassam a função de mero entretenimento e se constituem como narrativas estruturantes da experiência subjetiva.

A adaptação das histórias para a linguagem audiovisual não apenas preserva esses arquétipos, como os amplia. A linguagem audiovisual, por conjugar som, imagem e performance, intensifica o poder simbólico dos arquétipos e facilita a identificação emocional do espectador com os personagens e suas trajetórias. A figura da sombra, por exemplo, quando representada em personagens ambíguos ou moralmente complexos, como os anti-heróis, ganha uma dimensão psicológica mais palpável, refletindo os conflitos internos do público contemporâneo.

Além disso, o audiovisual permite a representação simultânea de múltiplos arquétipos em um mesmo personagem, algo menos comum nas narrativas tradicionais. Essa

complexificação favorece a construção de figuras mais próximas da realidade do espectador, que é também ambígua e contraditória. Como mostra Bacàro (2009), o arquétipo do “herói de si mesmo” é especialmente relevante na cultura atual, pois enfatiza a transformação do indivíduo.

Essa dimensão simbólica dos arquétipos se potencializa na lógica serializada das séries contemporâneas. Segundo Mittell (2012), a complexidade narrativa das séries permite desenvolver múltiplos arcos de personagem ao longo de várias temporadas, aprofundando o processo de individuação representado pela Jornada do Herói. Com isso, os arquétipos deixam de ser apenas moldes estáticos e tornam-se dispositivos dinâmicos de construção simbólica do sujeito.

Dessa forma, as adaptações midiáticas dos contos de fadas, recontextualizados, operam como narrativas simbólicas que acessam dimensões inconscientes da experiência humana, promovendo processos de identificação, catarse e reflexão existencial. Essa permanência e plasticidade dos arquétipos na comunicação midiática reforça o papel dos contos de fadas como meios de formação ética, afetiva e subjetiva, mesmo em contextos marcados pela fragmentação e pela velocidade informacional.

A função pedagógica nas histórias serializadas

A pedagogia dos contos de fadas reside em sua capacidade simbólica de traduzir conflitos humanos em imagens acessíveis e arquetípicas. Muito além de instrumentos de entretenimento infantil, essas narrativas constituem dispositivos formativos que auxiliam o sujeito na construção de sua identidade, valores e afetos. Bettelheim (2007) ressalta que os contos de fadas falam simultaneamente à mente da criança e do adulto, atingindo múltiplos níveis da personalidade humana por meio de significados manifestos e latentes.

Essa função se intensifica quando os contos são adaptados para o formato seriado, pois a dilatação do tempo narrativo permite explorar com profundidade os processos de amadurecimento dos personagens e, por conseguinte, dos espectadores. A narrativa serial, ao acompanhar trajetórias longas e complexas, propicia uma experiência, na qual o público, ao identificar-se com os dilemas, fracassos e conquistas dos protagonistas, elabora simbolicamente suas próprias vivências, aprendendo com elas.

O potencial formativo das séries baseadas em contos está vinculado à representação simbólica da jornada de transformação. Como aponta Jung (2000), as imagens arquetípicas

presentes nesses relatos possibilitam ao sujeito acessar aspectos inconscientes de sua *psique*, promovendo reorganizações internas. Esse movimento é reforçado pela lógica audiovisual, que conjuga emoção, ritmo, imagem e som, facilitando a internalização afetiva das experiências encenadas.

Já a Jornada do Herói, com suas etapas simbólicas de separação, provação e retorno, figura como forma pedagógica de autoconhecimento. Ao acompanhar os desafios dos personagens, protagonistas de suas próprias histórias, o espectador é convidado a refletir também sobre suas próprias questões existenciais. Vogler (2015) e Campbell (2007) mostram que essas narrativas operam como metáforas do amadurecimento psicológico, permitindo que valores como coragem, justiça, perdão e transformação sejam experimentados de forma simbólica.

As séries contemporâneas, ao complexificarem personagens e dilemas, atualizam essa função pedagógica. A figura do anti-herói, por exemplo, deixa de ser apenas uma ruptura da moral tradicional e passa a simbolizar a ambiguidade psíquica do sujeito moderno, que convive com luz e sombra, desejo e culpa, entre outras dualidades humanas. A narrativa oferece, assim, não um modelo de perfeição, mas um espelho simbólico em que o espectador pode reconhecer suas próprias contradições e possibilidades de superação.

Além disso, os contos de fadas adaptados mantêm sua eficácia pedagógica porque não impõem ensinamentos, mas os dramatizam, a fim de “tocar” de alguma forma quem os assiste. Os valores emergem das escolhas dos personagens, dos desdobramentos das ações, dos afetos compartilhados com o público. Essa experiência simbólica se ancora na identificação, na emoção e na introspecção. Como apontam Corso e Corso (2011), a ficção funciona como um laboratório simbólico em que o sujeito pode simular experiências e reorganizar sentidos internos.

Acreditamos que a ficção é uma forma de aprender com a experiência alheia, é uma simulação de vivências e emoções, na medida em que nos identificamos com tal ou qual personagem. Fantasiar ou fruir da imaginação alheia através da arte não substitui a experiência, não aprendemos tanto como se tivéssemos vivido, mas ao menos nos aproximamos disso. A diferença é que a gama de vivência proporcionada pela arte, pela fantasia, é muito mais vasta do que as experiências possíveis de serem vividas. (Corso e Corso, 2011, p.256)

Dessa forma, ao integrar elementos arquétipos, jornada simbólica, complexidade narrativa e experiência afetiva, as narrativas seriadas derivadas dos contos de fadas reafirmam seu papel formativo no contexto midiático. Elas continuam a funcionar como mitologias

contemporâneas que orientam o sujeito em seu processo de individuação, oferecendo não certezas, mas possibilidades simbólicas de crescimento e transformação.

Narrativas Seriais e Convergência Midiática

O fenômeno da adaptação dos contos para séries televisivas e plataformas digitais insere-se em um contexto mais amplo de convergência midiática, conceito elaborado por Henry Jenkins (2009). Segundo o autor, vivemos uma era em que os conteúdos circulam através de múltiplas plataformas, em um fluxo contínuo entre mídia, tecnologia e práticas culturais. Nesse cenário, narrativas como as dos contos de fadas são reconfiguradas e redistribuídas em formatos diversos como livros, filmes, séries, animações, jogos e comunidades e assuntos em redes sociais, ampliando seu alcance simbólico e sua capacidade de gerar engajamento. Essa convergência não se refere apenas à integração tecnológica, mas sobretudo à intersecção entre práticas de consumo e produção cultural. O público, mais do que receptor passivo, torna-se participante ativo na construção de sentidos.

[...] a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. [...] A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. Por haver mais informações sobre determinado assunto do que alguém possa guardar na cabeça, há um incentivo extra para que conversemos entre nós sobre a mídia que consumimos. (Jenkins, 2009, p. 33)

As adaptações seriadas dos contos de fadas, como *Once Upon a Time*, exemplificam essa lógica: além da série televisiva, os espectadores interagem com os conteúdos em fóruns, *fanfics*, redes sociais e produtos derivados, criando uma rede de significações que ultrapassa a narrativa linear.

Essa nova ecologia comunicacional também redefine a relação entre narrativa e experiência simbólica. Como aponta Jenkins (2009), as histórias se tornam mais imersivas e participativas à medida que são contadas em diferentes plataformas. O que antes era uma fábula contada por voz ou lida em livro, agora é vivenciado em múltiplos formatos, cada um adicionando camadas à construção simbólica do mundo ficcional. Isso fortalece a função

pedagógica e arquetípica dos contos de fadas, pois ganham vida em diferentes linguagens e contextos, sendo constantemente reinterpretados.

No caso das adaptações de contos de fadas, essa lógica transmidiática e serializada permite explorar com maior profundidade os dilemas arquetípicos das personagens, suas sombras, ambiguidades e processos de individuação. O espectador passa a acompanhar jornadas que não se encerram em um episódio ou livro, mas que se desdobram ao longo do tempo, seja ele dividido em alguns episódios e em muitas temporadas, potencializando a identificação simbólica e emocional com as experiências encenadas.

Portanto, a convergência midiática não apenas transforma o modo como os contos de fadas são contados, mas também potencializa sua função simbólica, expandindo os espaços de construção subjetiva e de aprendizagem simbólica. Na cultura contemporânea, marcada pela fragmentação e pelo excesso de informação, essas narrativas continuam a oferecer sentido, estrutura e espelho para os desafios existenciais do sujeito.

A Ressignificação em *Once Upon a Time*

A série televisiva *Once Upon a Time* (ABC/Disney, 2011–2017) é um dos exemplos mais significativos da convergência de mídia aplicada à tradição dos contos de fadas. Ao reunir diversos personagens de narrativas clássicas como Branca de Neve, *Rumplestiltskin*, Cinderela, *Chapeuzinho Vermelho*, Rainha Má, entre outros, em um universo ficcional compartilhado, a série não apenas reconta essas histórias sob novas perspectivas, mas também as complexifica e as atualiza à luz dos dilemas contemporâneos. Trata-se de um projeto narrativo que explora de maneira elaborada a lógica seriada, os arquétipos simbólicos e a pedagogia do imaginário.

Na cidade fictícia de *Storybrooke*, no estado do Maine, os personagens clássicos dos contos de fadas vivem suas vidas sem lembranças de suas verdadeiras identidades. Essa realidade é fruto da Maldição das Trevas, lançada por Regina, a Rainha Má, com a ajuda de *Rumplestiltskin*, que possui intenções ocultas para deixar os limites da Floresta Encantada e adentrar o mundo real. Durante vinte e oito anos, os moradores de *Storybrooke* levam vidas comuns, até a chegada de *Emma Swan*, filha de Branca de Neve e do Príncipe Encantado, que fora retirada do Reino Encantado antes da maldição, e começa a desestabilizar esse feitiço. Ao reencontrar seu filho biológico, Henry, adotado por Regina, Emma se vê envolvida em uma trama onde histórias, memórias e magia se cruzam. A série desenvolve, através de longas

temporadas, um complexo universo narrativo em que os contos de fadas são ressignificados, revelando camadas psicológicas, dilemas morais e jornadas de autoconhecimento.

Diferentemente das versões tradicionais, em que as personagens são tipificadas como totalmente boas ou más, *Once Upon a Time* apresenta figuras multifacetadas, cujos percursos envolvem traumas, escolhas morais difíceis, redenções e recaídas. O anti-herói, por exemplo, é elevado à categoria de protagonista, como é o caso de *Rumplestiltskin* e sua jornada, marcada por contradições, desejos ambivalentes e conflitos internos. Essa complexidade narrativa favorece uma identificação mais realista e simbólica por parte do espectador, pois demonstra as ambiguidades da experiência humana.

A série opera, assim, como uma metáfora do processo de individuação descrito por Jung (2000), no qual o sujeito é chamado a integrar suas sombras e buscar um equilíbrio interior. Cada personagem vive uma jornada marcada por simbolismos que refletem essa travessia: o chamado à aventura, a queda, a crise, o encontro com o mentor, a travessia do limiar, os testes, aliados, a transformação e o retorno. Esses elementos estruturam as temporadas como ciclos de amadurecimento e reconstrução de identidade, ampliando o poder pedagógico da narrativa para o público.

Além disso, *Once Upon a Time* desconstrói a ideia de “felizes para sempre” como um desfecho definitivo e simplista. A felicidade, na série, é resultado de escolhas éticas complexas, de processos de perdão e reconstrução, de enfrentamento de traumas e reconciliação com suas próprias histórias e pessoas. Ao propor que personagens podem mudar, errar, redimir-se e recomeçar, a série atualiza a função dos contos de fadas como narrativas de transformação e possibilidades. Ela ensina, portanto, não por meio de moralismos, mas por meio de percursos simbólicos que convidam o espectador à introspecção, como uma espécie de autoexame de pensamentos, sentimentos e motivações.

Nesse sentido, *Once Upon a Time* não apenas adapta os contos de fadas ao formato seriado, mas os ressignifica de forma pedagógica e simbólica na vida adulta. Ao dramatizar a luta entre luz e sombra no interior das personagens, a série oferece ao espectador uma narrativa de autorreflexão contínua, que atualiza histórias como dispositivos éticos e afetivos para pensar os desafios existenciais da contemporaneidade.

Outras Ressignificações Midiáticas na Disney

A reinterpretação simbólica dos contos de fadas pela *Disney* não se limita à série *Once Upon a Time*. Outras produções também demonstram um movimento claro de resignificação de personagens e valores, alinhando-se às demandas culturais contemporâneas por narrativas mais plurais, psicológicas e éticas. Obras como *Malévola* (2014) e a trilogia *Descendentes* (2015–2019) exemplificam essa tendência ao revisitar vilões tradicionais sob novas perspectivas e propor narrativas que valorizam a escolha, o autoconhecimento e a superação de estigmas.

Malévola, por exemplo, reconta a história da vilã de *A Bela Adormecida* a partir de seu ponto de vista, revelando motivações emocionais, traições sofridas e dilemas morais que a conduzem à vingança. O filme rompe com a lógica simplista do bem contra o mal ao humanizar a personagem, apresentando-a como uma figura ferida, mas capaz de empatia, proteção e, sobretudo, transformação. O “amor verdadeiro” que salva Aurora mas também a salva, não é romântico, mas simbólico: um gesto de reparação e cuidado que redefine o sentido da redenção. Em sua obra, Bettelheim (2007), enuncia que os contos de fadas oferecem ao indivíduo a possibilidade de elaborar simbolicamente suas angústias e conflitos internos, conduzindo-o a processos de amadurecimento emocional e reconstrução psíquica mesmo quando expressos por meio de narrativas fantásticas.

Já *Descendentes* propõe um universo onde os filhos dos vilões clássicos (*Malévola*, *Jafar*, *Cruella*, dentre outros) vivem em um espaço marginalizado, carregando o estigma das ações de seus pais. A trilogia explora o dilema entre herança e escolha, mostrando que a identidade não está determinada pela origem, mas construída por decisões éticas e afetivas. Os jovens protagonistas enfrentam preconceitos, dilemas de lealdade e testes de caráter que evocam a Jornada do Herói, assim como em *Once Upon a Time*, em dimensão mais contemporânea que exige transformar a si mesmo. Como aponta Báccaro (2009), tornar-se herói de si mesmo é enfrentar os próprios conflitos, resignificar feridas e assumir com responsabilidade a construção de uma nova identidade, guiada por escolhas conscientes e por um processo contínuo de autoconhecimento e superação.

Essas produções também operam como pedagogias simbólicas que atualizam os contos de fadas, enfatizando valores como a possibilidade de mudança, a ambiguidade das emoções e a responsabilidade ética individual. Ao colocar vilões como protagonistas ou heróis em potencial, essas obras desafiam o público a reconsiderar juízos morais cristalizados e a reconhecer a complexidade dos sujeitos e de suas trajetórias.

Dito isso, todas essas produções se inserem na lógica da convergência já que circulam entre cinema, televisão, *streaming*, literatura e redes sociais ampliando seu alcance simbólico e cultural. Elas funcionam não apenas como entretenimento, mas como espaços de mediação ética e emocional, onde valores são dramatizados e revistos de forma participativa e simbólica.

Com isso, a *Disney*, tradicionalmente associada a pedagogias conservadoras dos contos de fadas, revela-se também como um agente de transformação narrativa, contribuindo para a ressignificação do imaginário coletivo. Em suas versões atualizadas, os contos não ensinam o que é certo ou errado de forma binária, mas convidam o espectador a pensar, sentir e escolher.

Dados de consumo dos contos de fadas em diferentes mídias

O e-book *Contos de fadas dos Irmãos Grimm* (Clássicos da literatura mundial) alcança o topo das vendas Kindle na categoria Infantil - Histórias Tradicionais na Amazon Brasil. Isso evidencia a persistência da demanda por narrativas tradicionais mesmo em formatos digitais modernos, reforçando o discurso de Santaella (2001, p. 381), “a narrativa é internacional, trans histórica, transcultural [...] como a vida”. É essa característica que garante a perpetuação dos contos, que continuam a encantar e ensinar, agora potencializados pelas tecnologias contemporâneas.

Sobre *Once Upon a Time*, o site oficial encontra-se desativado, entretanto é possível ter acesso a dados através do site *Adoro Cinema* que demonstram uma curva interessante de audiência ao longo das temporadas:

Temporada 1 (2011–2012): média de **9,93 milhões** de espectadores/ep;

Temporada 2 (2012–2013): média de **8,46 milhões**;

Temporada 3 (2013–2014): média de **7,08 milhões**;

Temporada 4 (2014–2015): média de **6,47 milhões**;

Temporada 5 (2015–2016): média de **4,39 milhões**.

Mesmo a curva sendo descendente, ainda assim indica um padrão robusto de engajamento, mantendo a série entre as favoritas por pelo menos cinco anos de exibição. A persistência da audiência reflete a efetividade da narrativa arquetípica e complexa ao captar e fidelizar o público, retratando o que Mittell descreve como “complexidade narrativa” capaz de manter a atenção do espectador temporada após temporada.

[...] a complexidade narrativa oferece uma gama de oportunidades criativas e uma perspectiva de retorno do público que são únicas no meio televisivo. Ela deve ser estudada e entendida como um passo chave na história das formas narrativas televisivas. Podemos pensar que a fruição proporcionada por narrativas complexas é mais rica e mais multifacetada do que aquela oferecida pela programação convencional (Mittel, 2012, p.31).

Em relação às produções cinematográficas e de *streaming*, o filme *Malévola* estreou com US\$ 70 milhões nos EUA e acumulou mundialmente cerca de US\$ 758 milhões, segundo dados do site *Adoro Cinema*. Isso mostra como a visão requalificada da vilã engajou o grande público ao mesmo tempo que validou a nova abordagem simbólica da *Disney*; um fenômeno que reflete a eficiência da narrativa simbólica proposta por Bettelheim (2007), que dialoga com as camadas conscientes e inconscientes do espectador dizendo que “os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento. Lidando com problemas humanos universais” (Bettelheim, 2007, p. 14).

O último lançamento de *Descendentes: A Ascensão de Copas* atingiu 6,7 milhões de visualizações no *Disney+* em seu primeiro final de semana, tornando-se a maior estreia de uma produção original da marca até então, segundo dados do Portal Terra. Além disso, de acordo com a reportagem, sua trilha sonora marcou mais de 26 milhões de *streams* e a *hashtag* *#Descendants* ultrapassou **95 milhões de visualizações** nos EUA. Esses números reforçam a convergência entre narrativa, música e redes sociais, alinhados ao que Jenkins (2009) chama de cultura participativa, no qual o público participa, performa e expande as narrativas. “O universo é maior do que o filme, maior, até, do que a franquia – já que as especulações e elaborações dos fãs também expandem o universo em várias direções” (p.161).

Além disso, a presença ativa de *Once Upon a Time*, *Malévola* e *Descendentes* em redes sociais evidencia o engajamento comunitário midiático:

- **Once Upon a Time:** Grupos ativos no Facebook (fans, discussões de teoria, memes) e perfis oficiais com milhares de seguidores no Facebook, Instagram (@onceabcofficial), e no X (Twitter).
- **Malévola:** presença significativa em páginas, grupos de fãs e discussões no Facebook.
- **Descendentes (Brasil):** perfil no Instagram @descendentes4br, com produção de conteúdo focado em bastidores, músicas e reencontros da comunidade fandom.

Esse engajamento corrobora com a perspectiva de Jenkins (2009) sobre audiências como participantes ativas, capazes de produzir narrativas paralelas (fanfiction, memes, reinterpretações) e de ampliar os sentidos simbólicos originais.

A mostra acima dos dados de consumo de narrativas baseadas em contos de fadas em diferentes mídias reforça e concretiza as reflexões teóricas apresentadas ao longo deste artigo. Em primeiro lugar, o sucesso contínuo de obras clássicas como Contos de fadas dos Irmãos Grimm na plataforma Kindle, mesmo diante da diversidade de ofertas digitais, condiz com o que Hutcheon (2013) afirma que as adaptações são formas de recriação narrativa que mantêm a essência simbólica da obra original enquanto se atualizam por meio de novas mídias, permitindo que os contos de fadas sobrevivam e se renovem continuamente no espaço digital.

No campo do audiovisual, os dados de audiência das temporadas de *Once Upon a Time* demonstram a eficácia do modelo narrativo complexo apontado por Mittell (2012). A série exemplifica a “complexidade narrativa” ao expandir personagens arquetípicos em arcos psicológicos multifacetados ao longo de várias temporadas, o que favorece não apenas a fidelização do público, mas a imersão afetiva e simbólica em trajetórias de transformação. Ao acompanhar heróis, vilões e anti-heróis em jornadas que transcendem o maniqueísmo, o espectador é convidado a participar simbolicamente da construção de sentido, experienciando a pedagogia do amadurecimento e da individuação, conforme descrita por Jung (2000) e Campbell (2007).

As performances simbólicas de personagens como Malévola e os filhos dos vilões em *Descendentes* revelam outro aspecto essencial: a reformulação das figuras arquetípicas como forma de representar subjetividades contemporâneas. Nesse sentido, o trabalho de Bettelheim (2007) se mostra fundamental para compreender como os contos de fadas, ao lidarem com valores profundos da psique, mantêm seu caráter pedagógico mesmo quando reformulados. A empatia com vilões humanizados, a valorização da escolha individual e a possibilidade de redenção são temas que ressoam profundamente no público por sua capacidade de dramatizar simbolicamente as tensões internas de cada sujeito. Essa dimensão de autoexploração simbólica é, também, parte do que Jung (2000) define como a jornada rumo à individuação.

Por fim, o envolvimento massivo das comunidades virtuais em torno dessas produções comprova a relevância das teorias de Jenkins (2009) sobre convergência midiática e cultura participativa. Ao analisar grupos no Facebook, perfis oficiais e *fandoms* em redes

como Instagram e Twitter, percebe-se que o público atual não apenas consome, mas expande, reinventa e ressignifica essas narrativas em ambientes digitais colaborativos. Tal prática confere longevidade simbólica aos contos de fadas, ao mesmo tempo em que reafirma sua potência como matrizes formadoras de sentido, valores e subjetividades em contextos midiáticos múltiplos e interativos.

Considerações finais

A permanência e o sucesso dos contos de fadas em múltiplas mídias contemporâneas demonstram que essas narrativas transcendem o tempo, o suporte e o público-alvo. Longe de se esgotarem como produções infantis ou moralistas, os contos se configuram como ferramentas simbólicas complexas, capazes de expressar conflitos, dilemas e transformações subjetivas. Ao serem adaptados para formatos como séries televisivas e filmes de grande circulação, como *Once Upon a Time*, *Malévola* e *Descendentes*, os contos não apenas se mantêm culturalmente relevantes, mas também ampliam sua função pedagógica, emocional e formativa. Como observa Bettelheim (2007), essas histórias atuam simbolicamente no inconsciente, oferecendo ao sujeito recursos para enfrentar medos, elaborar perdas e desenvolver resiliência emocional. Essa função estruturante se mantém mesmo quando os contos são transpostos para novas mídias, pois, como argumenta Santaella (2001), as matrizes verbais e simbólicas da linguagem continuam a operar nas mídias digitais e audiovisuais, permitindo que o conteúdo simbólico original seja ressignificado sem perder sua potência formadora. Assim, os contos adaptados em séries e filmes não apenas preservam sua carga simbólica, como também expandem seu alcance e influência na cultura de massas, atualizando os dilemas humanos em sintonia com as exigências da contemporaneidade.

A reflexão a partir dessas produções demonstrou que estruturas como a Jornada do Herói proposta por Campbell (2007) e reestruturada por Vloger (2015), além dos arquétipos estabelecidos por Jung (2000), permanecem ativas e atualizadas nas adaptações midiáticas da atualidade. A trajetória de *Rumplestiltskin*, em *Once Upon a Time*, representa uma jornada arquetípica complexa, marcada por ambivalência moral, desejo de poder e necessidade de amor. Sua narrativa atravessa a sombra, o fracasso e a culpa, até alcançar momentos de autossacrifício e redenção, configurando uma forma densa de amadurecimento. Da mesma forma, a personagem *Malévola* revela uma reformulação simbólica da vilania clássica ao ser apresentada como figura ferida, mas capaz de empatia e transformação — uma experiência

de individuação que opera sobre camadas profundas da psique (Jung, 2000). Em *Descendentes*, o dilema entre herança e escolha vivenciado por Mal, filha de Malévola, reforça a noção de que o verdadeiro heroísmo contemporâneo reside na superação do destino imposto e na construção ética de si, como propõe Báccaro (2009) em Herói de si mesmo.

Além da força simbólica, a complexidade narrativa e o desenvolvimento psicológico desses personagens dialogam com transformações culturais e subjetivas da audiência, promovendo identificação e revisão de valores. As narrativas deixam de operar com dicotomias rígidas entre bem e mal, abrindo espaço para personagens multifacetados que espelham as ambiguidades morais do sujeito contemporâneo. Nesse contexto, os contos de fadas atualizados tornam-se modelos para a elaboração de afetos e conflitos psíquicos, funcionando como "mapas da *psique*" (Vloger, 2015) em sintonia com a realidade emocional dos espectadores, por isso essa característica formativa ou pedagógica, como citamos neste estudo.

Os dados de consumo reforçam essa análise, evidenciando que os contos adaptados mantêm-se como produtos de forte impacto cultural e econômico. Em um contexto de convergência midiática (Jenkins, 2009), essas narrativas circulam entre plataformas, públicos e linguagens, ressignificando símbolos tradicionais à luz de demandas atuais por representações mais inclusivas, complexas e humanas. O alto engajamento nas redes sociais, os recordes de audiência e as vendas expressivas de livros digitais demonstram o interesse e o envolvimento ativo do público.

Por fim, ao integrar revisão bibliográfica, análise simbólica e dados empíricos de consumo e recepção, este artigo evidencia que os contos de fadas operam como matrizes simbólicas centrais da comunicação midiática contemporânea. Sua capacidade de estruturar narrativas complexas em adaptações audiovisuais, demonstrando conflitos internos por meio de arquétipos e provocando identificação afetiva transcende o campo da literatura infantil e se manifesta com força renovada nas mídias audiovisuais e digitais. Ao serem continuamente adaptados, reinterpretados e compartilhados em séries, filmes, plataformas de *streaming* e redes sociais, as histórias mostram-se não apenas sobreviventes, mas protagonistas das transformações culturais. Assim, reafirma-se seu papel não só como herança cultural, mas como estrutura viva, dinâmica e formativa da comunicação e da cultura midiática.

REFERÊNCIAS

- AMAZON. Contos de fadas dos Irmãos Grimm (Clássicos da literatura mundial) – eBook Kindle. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/dp/B08DXCFLGH>. Acesso em: 14 jun. 2025.
- ADOROCINEMA. Once Upon a Time – Audiência por temporada. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/series/serie-9430/audiencias>. Acesso em: 14 jun. 2025.
- ADOROCINEMA. Malévola – Bilheteria mundial. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-201429/bilheterias>. Acesso em: 14 jun. 2025.
- BACÀRO, Agnaldo C. Herói de si mesmo. Joinville: Clube de Autores, 2009.
- BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.
- DISNEY+. Descendants: 'The Rise of Red' é a maior estreia de filme da Disney na história da televisão com a marca Disney+. Disponível em: <https://thewaltdisneycompany.com/descendants-the-rise-of-red-is-disney-branded-televisions-biggest-movie-premiere-ever/#:~:text=Descendentes:%20A%20Ascens%C3%A3o%20de%20Red%20%E2%80%94%20o,visualiza%C3%A7%C3%B5es%20nos%20tr%C3%AAs%20primeiros%20dias%20de%20streaming>. Acesso em: 14 jun. 2025.
- FRANZ, Marie-Louise von. A interpretação dos contos de fadas. Tradução de Maria Elci Spaccaquerque Barbosa. São Paulo: Paulus, 1990.
- HUECK, Karin. O lado sombrio dos contos de fadas. São Paulo: Abril, 2016.
- HUTCHEON, Linda. Uma teoria da adaptação. Tradução de André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2013.
- JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2009.
- JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MEREGE, Ana Lúcia. Os contos de fadas: origens, história e permanência no mundo moderno. São Paulo: Claridade, 2010.
- MITTELL, Jason. Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea. Matrizes, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 19–40, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/38326/41181>.

PROPP, Vladimir. Morfologia do conto maravilhoso. Tradução de Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

SANTAELLA, Lucia. Matrizes da linguagem e do pensamento: sonora, visual, verbal; aplicações na hipermídia. São Paulo: Iluminuras, 2001.

TERRA. Descendentes: A Ascensão de Copas quebra recorde de estreia na Disney+. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/entre-telas/filmes/descendentes-a-ascensao-de-copas-quebra-recorde-de-estreia-na-disney>. Acesso em: 14 jun. 2025.

VOGLER, Christopher. A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores. Tradução de Petê Rissatti. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2015.

BIOGRAFIA DAS AUTORAS

TALITA MARIA BOTELHO MANTOVANI PARREIRA

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia, estudando adaptação seriada audiovisual sendo bolsista PAADES. Formada em Letras e Pedagogia.

E-mail de contato: talita.maria@unesp.br

KARINA WOHL DE FARIAS

Doutora em Jornalismo (UFSC) e mestre em Educação (UNESC). Fez Comunicação Social (UNISUL) e especialização em Docência para o Ensino Superior (UNISUL). Tem experiência na área de Comunicação há mais de duas décadas, com ênfase em Jornalismo e Rádio. Atualmente é professora do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

E-mail de contato: karina.farias@unesp.br